

DESCORTINANDO A INOCÊNCIA

Universidade Federal Fluminense

REITOR

Sidney Luiz de Matos Mello

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Anibal Francisco Alves Bragança (presidente)

Antônio Amaral Serra

Carlos Walter Porto-Gonçalves

Charles Freitas Pessanha

Guilherme Pereira das Neves

João Luiz Vieira

Laura Cavalcante Padilha

Luiz de Gonzaga Gawryszewski

Marlice Nazareth Soares de Azevedo

Nanci Gonçalves da Nóbrega

Roberto Kant de Lima

Túlio Batista Franco

DIRETOR

Anibal Francisco Alves Bragança

Roberta Guimarães Franco

DESCORTINANDO A INOCÊNCIA:
INFÂNCIA E VIOLÊNCIA EM TRÊS OBRAS
DA LITERATURA ANGOLANA



Copyright © 2012 Roberta Guimarães Franco
Copyright © 2016 Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Coleção Biblioteca, 74

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Direitos desta edição cedidos à
Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ
CEP 24220-008 - Brasil
Tel.: +55 21 2629-5287
www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2016

Foi feito o depósito legal.

Àquele que me fez ter certeza do que eu queria para a vida toda. Para o meu marido Angelo, companheiro no sentido pleno, pela história que construímos juntos e, principalmente, por ser a minha calma.

Agradecimentos

Aos meus pais, Norma e Franco, pelo apoio, pela base sólida e, principalmente, pelo exemplo.

À minha irmã, Renata, pela cumplicidade e pelos laços cada vez mais fortes.

À minha tia Nelma e à minha avó Maria, que sempre tinham palavras precisas nos momentos certos.

À professora Laura Padilha, por ter me escolhido no quinto período da faculdade e por estar comigo até hoje. Pelo aprendizado contínuo, e por todos os momentos de alegria e de tristeza que já dividimos.

À professora Maria Teresa Salgado, uma das minhas maiores incentivadoras, pelo carinho e pela paciência.

Ao professor Sílvio Renato Jorge, que sempre nos socorre nos momentos de aflição, pelas palavras.

Ao núcleo de literatura portuguesa e literaturas africanas de língua portuguesa da UFF.

À queridíssima Nelma Pedretti, pela amizade e pelo carinho, principalmente nos momentos de desespero.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pelo fomento que possibilitou minha dedicação ao mestrado.

Os meninos à volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão aprender como se ganha uma bandeira
Vão saber o que custou a liberdade

(Manuel Rui)

Estamos aguardando pelo renovar de um estado de
paixão que já experimentamos, esperamos pelo rea-
cender do amor entre a escrita e a nação enquanto
casa feita para sonhar.

(Mia Couto)

Sumário

Uma breve introdução, 13

Fictum e Factum: entre a literatura e a história,
preenchendo lacunas, 19

Histórias recriadas, 24

Luandino Vieira e as transformações da cidade de Luanda, 25

Saindo de Luanda para o espaço da guerra, 32

De volta à capital: Luanda e a guerra civil, 39

Representações da infância: entre as descobertas,
o encanto e o desencanto de três gerações, 47

A cidade e a saudade da infância, 49

A iniciação de um pequeno herói, 58

A infância depois da euforia, 67

As despedidas da infância, 76

Formas de violência ou a contextualização do medo, 81

A violência colonial: segregação e racismo, 84

Guerra de independência: a resposta do colonizado, 91

O imaginário do medo: o último estágio da violência, 97

Para concluir, 105

Referências, 109

Uma breve introdução

Uma das principais dificuldades que se impõem aos estudos literários africanos é a delimitação do objeto de investigação. Não há uma África no singular, como muitas vezes a historiografia e a geografia insistem em afirmar. Existem muitas Áfricas, ou uma África plural, e isso se descortina através dos estudos de suas literaturas. Essas muitas Áfricas podem, por vezes, existir em uma mesma entidade nacional, caso se leve em conta a existência de um múltiplo sistema étnico de origem, além da(s) herança(s) trazida(s) pelos colonizadores europeus originários de diversas nações. Ao analisarmos a produção do mercado editorial brasileiro nos últimos anos, podemos evidenciar o destaque que as literaturas africanas vêm ganhando. Do mesmo modo, o cinema estrangeiro nunca produziu tantos filmes que recriassem contextos históricos do continente, fato que evidencia o novo lugar simbólico que a África ocupa no imaginário cultural das grandes potências da América e da Europa.¹

No caso das literaturas, e aqui não falamos exclusivamente das literaturas africanas de língua portuguesa, podemos perceber a existência de um tema recorrente. Várias são as publicações que apresentam a infância como foco central de suas narrativas. Livros que trabalham a temática da infância na África, de modo mais abrangente, tiveram grande aceitação por parte dos leitores brasileiros. Citando ao acaso, lembramos os sucessos de público que representaram as obras: *Vida e época de Michael K* (2003), do sul-africano J. M. Coetzee, *Feras de lugar nenhum* (2006), do jovem americano, de origem nigeriana, Uzodinma Iweala, e *Muito longe de casa – memórias de um*

¹ Alguns exemplos de grande bilheteria sobre o tema são: *Hotel Rwanda* (2004); *O jardineiro fiel* (2005); *O senhor das armas* (2005); *O último rei da Escócia* (2006); *Diamante de sangue* (2006); *Invictus* (2009).

menino soldado (2007), do serra-leonês Ishmael Beah. Entre os de língua portuguesa, *Bom dia camaradas* (2006), de Ondjaki, *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, que teve uma reedição no ano de 2007, assim como os livros *Luuanda* e *A cidade e a infância*, de Luandino Vieira, do mesmo ano. É de se notar, por outro lado, que a infância aparece, nos livros citados, cercada por contextos de violência de natureza diversa, o que confere destaque às personagens infantis dessas narrativas. Assim, as representações da infância aparecem aliadas às representações da violência, como um instrumento de recriação das realidades vividas em África.

Diante desse contexto, procuramos inicialmente analisar a relação entre a ficção e a história, tendo como foco a representação de personagens infantis em dois contextos da história recente de Angola – a guerra de independência e a guerra civil –, discutindo o amadurecimento dessas personagens diante da realidade conturbada do país. No entanto, com a consulta a outras fontes e referencial bibliográfico, ampliou-se o recorte do período analisado, incluindo-se o momento pré-guerra de independência. Assim, abrangemos cerca de 40 anos, partindo das transformações iniciais verificadas na década de 1950, passando pela guerra de independência (1961-1975) e chegando até o fim da primeira fase da guerra civil (1992), marcado pela proposição de eleições nacionais. Considerando este quadro, propusemo-nos a inserir a temática da violência como um elemento de rompimento da inocência característica da infância.

Pelo exposto, propomos analisar três momentos diversos da história de Angola através de três obras que relacionam infância e violência, de forma distinta. A partir de meados do século XX, Angola começa a viver, com mais intensidade, uma série de processos cujo objetivo era a construção de sua identidade nacional. Inicia-se, assim, uma contestação frontal do sistema de colonização imposto pelos portugueses, ao longo de séculos, que termina com a vitória do movimento de independência liderado por Agostinho Neto em 1975. Cria-se, desse modo, o país independente, mas abre-se, em consequência, um novo quadro de disputas políticas internas que traria, entre seus resultados mais expressivos, um período de guerra civil, de 26 anos (de 1976 a 2002).

Este estudo tem como *corpus* literário os livros *A cidade e a infância* (1960), de José Luandino Vieira, que tematiza as transformações ocorridas na cidade de Luanda na década de 1950, ocasionando a divisão da cidade entre os bairros de asfalto e os de terra vermelha (os

musseques); *As aventuras de Ngunga* (1972), de Pepetela, que destaca o interior de Angola como espaço da guerra de independência; e, por fim, *Bom dia camaradas* (2000), de Ondjaki, que retorna a Luanda já no período de guerra civil, próximo às eleições de 1992. Desse modo, ao colocarmos em diálogo autores de diferentes gerações, podemos comparar períodos históricos igualmente distintos e que foram cruciais para a história recente de Angola. Nesse sentido, ressaltamos a diferença não apenas entre os momentos históricos, mas também entre as histórias de vida distintas dos escritores. José Luandino Vieira, nascido em Portugal e levado para Angola ainda pequeno, participou do movimento de libertação nacional e foi condenado a 14 anos de prisão por ser considerado “terrorista”. Originário de Benguela, Pepetela participou mais de perto do cenário da guerra, mas não foi preso como Luandino, e sim, exilado na França e na Nigéria. Já Ondjaki nasce em uma Angola independente, mas ainda cindida pela guerra civil. Apesar de percursos tão distintos, os três estão unidos pela mesma vontade, a de retratar Angola e as tensões por ela vividas, a partir, sobretudo, da segunda metade do século XX.

Escolhemos apenas quatro das estórias de Luandino Vieira – “Encontro de acaso” (1954); “O nascer do sol” (1955); “A fronteira de asfalto” (1955) e “A cidade e a infância” (1956) – por entender que elas trazem, relacionados à temática da infância, alguns problemas, como, por exemplo: o racismo, evidenciado nas tranças loiras e olhos azuis das meninas e no corpo mulato ou negro dos meninos; a separação da cidade de Luanda entre bairros ricos, de asfalto, e pobres, de terra vermelha, assim como o seu crescimento; a violência contra os naturais da terra; o medo da polícia, entre outros temas. Apesar de toda a crítica presente nas narrativas, também há lugar para a representação do cotidiano, das brincadeiras, das conversas de portão e do aflorar das paixões juvenis.

No livro de Pepetela – escrito para servir como instrumento de apoio didático ao processo de alfabetização das crianças na Frente Leste –, encontramos um miúdo órfão que deseja ser guerrilheiro para ajudar a libertar seu país de Portugal. A narrativa está repleta de críticas ao próprio movimento de libertação, presente principalmente na figura do Presidente Kafuxi, mas também mostra, quase cinematograficamente, cenas de combate entre portugueses e angolanos.

Já em *Bom dia camaradas*, percebemos a ênfase no espaço escolar, pois o tempo da narrativa é marcado pelo ano letivo. Nesse

ambiente, também se evidencia a participação dos cubanos na estrutura administrativa do país e na guerra civil, apoiando militarmente o MPLA. Eles são representados, no romance, pelos professores María e Ángel. O livro também não deixa de apresentar críticas ao sistema adotado após a independência, fazendo comparações entre as condições de vida em Angola e em Portugal, bem como entre o período colonial e o pós-independência.

Optamos por dividir o texto em três partes. No primeiro capítulo, “*Fictum e Factum*: entre a literatura e a história, preenchendo lacunas”, trabalhamos a relação entre a literatura e a história, estabelecendo diferenças e semelhanças entre as duas áreas. Identificamos, no *corpus*, de que forma os autores utilizam dados do real para fazerem críticas a determinados segmentos da sociedade angolana. No entanto, devemos deixar claro que a cena temporal das narrativas é diferente, tratando-se de um tempo presente nas obras de Luandino Vieira e Pepetela, e de uma rememoração com teor autobiográfico, no caso do romance de Ondjaki.

Após a revisão dos contextos históricos e das abordagens realizadas pelos autores, passaremos à temática da infância. Em “Representações da infância: entre as descobertas, o encanto e o desencanto de três gerações”, ressaltamos principalmente a relação entre os mais velhos e as crianças, relação esta que se apresenta como fase importante do aprendizado infantil, constituindo-se um tipo de rito de passagem. Aqui, também é importante salientar como os acontecimentos históricos podem afetar a tradição, alterando o papel desempenhado pelas crianças nos grupos dos quais fazem parte.

Por fim, o capítulo “Formas de violência ou a contextualização do medo” enfoca a temática da violência, já que as narrativas por nós estudadas estão localizadas, historicamente, em períodos conturbados da história de Angola. O livro de Luandino Vieira apresenta a tensão do período anterior ao início da guerra de independência, evidenciando, principalmente, o racismo na sociedade luandense e as formas de segregação que dele advêm. Já Pepetela insere sua narrativa em pleno espaço de guerra, no interior do país, e mostra formas de resistência e enfrentamento da violência por parte de um menino. E, por último, Ondjaki retorna a Luanda no tempo de guerra civil, mostrando o medo que o confronto entre angolanos causa nas crianças que, não vivendo fisicamente a guerra, a reelaboram no imaginário.

As transformações vividas por um país dominado por um sistema colonial opressor, e que necessitou lutar por sua independência, deixam profundas marcas em seus habitantes, aprofundando-se nas novas gerações. Muito da literatura produzida nas ex-colônias portuguesas, de recente independência, trata das vivências que vão do período de pré-independência ao da criação do Estado nacional, este marcado por longa e esfaceladora guerra civil. As obras em questão tematizam, cada uma a seu modo, as experiências infantis vividas em conturbados momentos da história de Angola. Portanto, a distância temporal entre as publicações e a diferença entre seus autores proporcionam uma leitura interessante do que se encontra capturado pelo olhar das personagens infantis. As narrativas localizadas em espaços diferentes – a de Luandino, situada mais na parte pobre de Luanda; a de Pepetela, que enfoca o interior, e a de Ondjaki, que resgata uma Luanda já liberta e mais organizada – oferecem um melhor entendimento sobre a própria história da infância em um país tão grande e infinito em suas diversidades, como Angola. O medo, as dúvidas, as aventuras, as mentiras, os questionamentos fazem dessas crianças, que assim são chamadas apenas pela idade, seres “assustadoramente” maduros por conta das experiências que viveram.

Essas narrativas apresentam, na verdade, o descortinar da inocência, ou seja, os períodos trabalhados pelos autores, aliados à temática da infância, indicam um amadurecimento do discurso das personagens infantis. Parece-nos também fundamental não esquecer os ambientes sócio-históricos nos quais se inscrevem tais narrativas e o espaço temporal em que se realizam, para além de levarmos em conta o momento da feitura dos textos e o comprometimento de cada um dos ficcionistas com seu tempo histórico. Ao escolhermos as três obras, pensamos ser necessário, ainda e por fim, nesse diálogo entre ficção e história, mostrar como as narrativas, ao se debruçarem sobre a realidade sócio-histórica e cultural de Angola em momentos diferentes, pactuam com a denúncia dos problemas existentes, de certo modo apontando possíveis soluções para eles e os novos caminhos abertos pelo sonho utópico de um mundo sempre melhor que haverá e/ou haveria de vir, sem marcas de violência.